

CORPO, PERFORMANCE E AMBIENTE: UM RELATO AUTOETNOGRÁFICO

LUNA LUIZA PASSUELLO GIRÃO LINO¹; FELIPE MERKER CASTELLANI²

¹Universidade Federal de Pelotas - lunagirao@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - felipe.castellani@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO¹

Neste trabalho, proponho-me a discutir o corpo em suas diversas atuações. Corpo enquanto atuante, propositor e objeto no campo da arte. Enquanto “ser” performático. Vejo que essa conversa deve ter como ponto de partida o momento que tomei noção do meu interesse por performance, portanto, me transporto para 2019, segundo ano da minha graduação em Artes Visuais. O estalo foi uma brincadeira durante a disciplina de Introdução à Cerâmica, ministrada pelo Professor Paulo Damé: um prato que mais parecia um guarda-chuva, um guarda-chuva de barro. E em um comentário, decidi junto à uma amiga, Luiza², moldarmos um guarda-chuva que dissolve na água. Pensamos na inutilidade dele, pensamos no peso, no ciclo do barro voltando ao chão, voltando a terra, a chuva - que pertence a outro ciclo - cumprindo o ciclo de uma peça que brinca com o obsoleto. E junto a ação do barro e da chuva, lembro de questionar a relação do corpo com a proposição do trabalho, passando assim, a ler mais sobre o trabalho da artista cubana Ana Mendieta³.

No semestre seguinte, ainda em 2019, me matriculei na disciplina Ateliê de Performance, que teve como Professor responsável o Felipe Merker no Centro de Artes da UFPel, onde foram levantadas práticas e reflexões sobre as possibilidades expressivas do corpo nas artes visuais, os vários códigos presentes nas práticas da

¹ Adotamos no presente trabalho o uso de uma escrita auto-etnográfica (FORTIN, 2006), compreendendo-a como espaço de criação complementar ao espaço de criação artístico, bem como tomando como ponto de partida a experiência da autora. Nesse escrito, operam conceitos e são articulados autores e autoras pertinentes ao campo problemático em questão. Contudo, devido a abordagem proposta, por vezes explicações de caráter mais específico e pontual e aparecerão como paratextos, na forma de notas de rodapé, objetivando maior fluidez à leitura. Convém também ressaltarmos igualmente que o uso da escrita auto-etnográfica é um ponto de discussão bastante atual e pertinente ao campo da pesquisa em artes, sobre este aspecto ver FORTIN, 2006; GOSSELIN, FORTIN, 2014; e COESSENS, 2014.

² Luiza Rampazzo Cavalcanti, atualmente cursa licenciatura em Artes Visuais na UFPel. Para conhecer mais, acesse [@pastelzindvento](https://www.instagram.com/pastelzindvento).

³ Ana Mendieta trata de questões relacionadas à sua ligação com o espaço físico e a natureza, assim como observações acerca do conceito de pertencimento. Sobre a artista indico a leitura do artigo “[Provocações de Ana Mendieta: O Corpo e a Natureza como Objetos de Arte](#)”, de autoria de Isabella Rechecham da Silva (Licenciada em Artes Visuais/UFPel) e Caroline Leal Bonilha (Doutora em Educação Ambiental - UFPel, e docente do Centro de Artes da UFPel).

arte da performance e as relações entre eles e o tecido social no qual se inserem. Nesse momento, pude conhecer as artistas e pesquisadoras Andy Marques⁴ e Giulia Rizzato⁵, também membras do Grupo de Pesquisa Corpo-Imagem-Som⁶, e meu atual orientador, Felipe Merker⁷.

Quebrando a linearidade da narrativa construída aqui, volto rapidamente no tempo. Enxergo a moda como forte influência para meu trabalho, que de uma maneira muito sutil esteve sempre presente no meu cotidiano. Cresci acessando a internet e assistindo programas de canais alternativos da TV aberta, um compilado de videocliques por horas seguidas. Era tomada pela sensação de ver produções audiovisuais e questionar quem elaborava as maquiagens, os cenários, figurinos e como minha atenção se voltava para esse universo. Universo esse que se estendeu às minhas práticas, por vezes me trancava no banheiro simulando um desfile com a maquiagem roubada da minha mãe; o tecido que inicialmente era para cobrir a mesa, virava um vestido costurado a mão, às noites que acompanhei sites e vídeos com tutoriais de maquiagens e transformações.

Em 2020, não foi diferente. A moda seguiu se estendendo, desta vez, por meio do Coletivo Molde⁸ - arte-moda-conceito, encabeçado pelas artistas Jessica Porciuncula⁹ e Patrícia dos Santos¹⁰. No respiro de liberdade que tivemos nos dois primeiros meses do ano, interrompido pela pandemia do vírus COVID-19, fui convidada a fazer parte do projeto. O Molde emerge do pensar moda e arte de uma forma não tradicional, moldando outras vertentes que vão além da passarela e do objeto expositivo. E foi nesse espaço que eu me encaixei. Que a maquiagem se encaixou. Foram dois intensos e prazerosos meses experimentando e estudando práticas que aproximam a moda e a arte contemporânea. O corpo foi uma ponte e ferramenta, foi objeto expositivo e performático junto às peças produzidas. Hoje, poucos meses

⁴ Andy Marques Real é bacharela em Artes Visuais pela UFPel (2019) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma instituição. Atua como artista e pesquisadora com ênfase nas áreas da arte da performance e fotografia. Para mais informações sobre a artista, acesse @andymarques.end

⁵ Giulia Rizzato com formação em Bacharel em Artes Visuais pela UFPel (2019). Pesquisadora voltada para reflexões entre ativismo e tecnologia, e performances artísticas. Acesse em: @ilustragriz e seu portfólio digital giuliarizzato.myportfolio.

⁶ O grupo de pesquisa Corpo-imagem-som: pesquisa artística e práticas experimentais (CNPq, Centro de Artes da UFPel) investiga as possibilidades de relação entre epistemologias contracolonais e o campo das artes. Para mais informações acesse: , gp.corpoimagemsom e ufpel.corpoimagemsom.

⁷ Felipe Merker Castellani é artista multimídia, pesquisador e professor. Atualmente é professor adjunto do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde atua nos cursos de bacharelado em Música e Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Artes Visuais. Mais informações disponíveis em: felipemerker.

⁸ O Coletivo Molde propõe produções à partir das relações dos corpos com o vestuário. Atualmente acontece o evento *in-residência*, uma residência on-line com participação dos artistas, modelos e performers que atuaram na exposição *Alfinetasso*, para conhecer mais do projeto, da expo-desfile e da residência, acesse: @molde_amc.

⁹ Jessica Porciuncula é Artista Visual formada pela UFPel (2018) e Produtora Cultural, investiga questões relacionadas à identidade e território, nas esferas do pessoal e nacional, do político e poético. Conheça mais em: jessicaporciuncula

¹⁰ Patrícia dos Santos é graduada em Artes Visuais pela UFPel, atua no espaço de arte Corredor 14. Trabalha com diversas linguagens, estabelecendo questões arquitetônicas em vestuários, moda, desfile-performance, sua biografia se encontra em: @patriciadossantos

depois, me vejo colhendo frutos do Molde e da expo-desfile que realizamos início de março, a *Alfinetasso*.

Através de experiências que surgiram por meio dessas relações que estabeleci e espaços que convivi, pude perceber maiores significados para o que me inquieta e causa interesse, gerando um caminho a ser percorrido e pesquisado. Então, nessa linha de tempo de memórias que me atravessam, construo meu olhar.

2. METODOLOGIA

Desenhos e palavras sempre me acompanharam. Com cadernos que se encaixam em qualquer bolso e espaço que caiba no meu ir e vir, anoto e percebo perspectivas. Rabisco, penso, desabafo, direciono meu olhar e minhas mãos seguem o fluxo. Tive momentos intensos onde as folhas pareciam não ser suficientes. Tive também momentos de pausa, quando os diários não diziam nada. Recentemente, em meio ao silêncio e saudade de depositar meus dias em folhas costuradas por mim, decidi revisitar as diferentes versões de Luna que já apresentei em secreto. No total, são cinco anos divididos em diferentes blocos de diferentes tamanhos e texturas, todos com folhas recolhidas de ateliês. E durante essa viagem, notei similaridades e traços que já encaminhavam para o que me atenta hoje: desenhos e pinturas de mulheres com corpos deformados, pontiagudos, alguns mutilados. Corpos alterados que fogem de uma anatomia humana natural.

Com essa percepção, notei o valor de voltar o olhar para meus processos, logo defendo que a autoetnografia seja a metodologia de pesquisa adequada para meu trabalho. Usando da auto-avaliação por meio da escrita, conecto as noções adquiridas a entendimentos mais amplos, como culturais, políticos e sociais.

Para pensar a questão do uso da metodologia autoetnográfica em meus cadernos de desenho e trabalhos artísticos, me apropriei do texto *Contribuições Possíveis da Etnografia e da Auto-Etnografia para a Pesquisa na Prática Artística* de Sylvie Fortin (2006), qual defende que a prática artística é melhor compreendida quando associada ao pensamento e ao agir dos praticantes. Quanto ao material bibliográfico para embasamento teórico, realizei a leitura de *A natureza cultural do corpo* desenvolvido por Helena Katz e Christine Greiner (1998), que conversa a relação entre o corpo, ambiente, cultura e suas configurações. Agora, quem me acompanhou com reflexões sobre Pós-Humanismo, levantando pontos sobre o corpo e suas alterações, extensões e tecnologias, foi a coletânea *Antropologia do Ciborgue - As vertigens do pós-humano*, de Donna Haraway, Hari Kunzru e Tomaz Tadeu (2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados, desenvolvi trabalhos práticos que foram expostos na Expo-desfile Alfinetasso, qual a maquiagem de elenco foi de minha responsabilidade. Conto com peças como Rosinha, 2020, par de máscaras rosas cravadas por pregos, uma para o externo, outra para o interno. E também, mais recente, *Vestidinho* (2020), um vestido de bexigas cheias que tomaram conta do corpo, quase como uma extensão da minha pele, como se meu corpo estivesse tomado de bolhas de ar. Acredito que ambos trabalhos apresentam esse caráter duo que me acompanha, desde os pregos

que são agressivos e ferem, que espantam mas despertam curiosidade, até a delicadeza que a cor rosa carrega. São peças que vestem, que incorporam, que estendem.

4. CONCLUSÕES

Somando as mulheres que retratei desde 2015, minhas pinturas mais recentes, os trabalhos - performance, vestes, esculturas - que desenvolvi no período que estive junto ao Coletivo Molde e as maquiagens que produzo, percebo esse caráter exploratório do corpo. Certa vez, em uma reunião com o grupo de pesquisa Corpo-Imagem-Som, comentei da proximidade que enxergo a pele com uma massa de modelar, a possibilidade de alterar formas, de acrescentar e retirar. Um corpo que se estende, que permite além. Momento esse que descobri o Pós-Humanismo.

A ideia de construir e transformar o corpo com pinturas, maquiagem e roupas enquanto espécie de continuidade da pele, que veio desde os desenhos da minha adolescência até os trabalhos que desenvolvo hoje na graduação, discute a influência que o ambiente sociocultural e as mais diversas tecnologias emitem sobre os corpos, afetando a percepção e maneira de ler o mundo.

Arte carnal é autorretrato no sentido clássico, mas realizado por meio da possibilidade da tecnologia. Oscila entre a desfiguração e refiguração. (...) Arte carnal não está interessada no resultado da cirurgia estética, mas no processo da cirurgia, o espetáculo e discurso do corpo modificado que se tornou o lugar do debate público. (...) A arte carnal transforma o corpo em linguagem, revertendo a ideia bíblica do verbo feito carne; a carne é feita verbo. (ORLAN apud GONZAGA, 2012, pp.804-805)¹¹

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COESSENS, K. A arte da pesquisa em artes: Traçando práxis e reflexão. **Art Research Journal**, vol. 1. Natal: ABRACE/ANPAP/ANPPOM, p. 1-20, 2014.

Fortin, S.; Contribuições Possíveis da Etnografia e da Auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. Trad. Melo, H. **Cena**, Porto Alegre, v.1, n.7, p 77-88, 2006.

GOSSELIN, P.; FORTIN, S. "Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico". **Art Research Journal**, vol. 1. Natal: ABRACE/ANPAP/ANPPOM, p 1-17, 2014.

Silva, I. R. D.; Bonilha, C. L. Provocações de Ana Mendieta: O Corpo e a Natureza como Objetos de Arte. **Revista Seminário de História da Arte**, Pelotas, v.1, n.7, 2018

Haraway, D.; Kunzru, H.; Tadeu, T.; **Antropologia do Ciborgue - As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

Katz, H.; Greiner, C.; A natureza cultural do corpo. **Lições de dança 3**. Editora Univercidade. p.77-102, 1998.

¹¹ Mireille Suzanne Francette Porte (1947), conhecida como Orlan, é uma artista francesa que transformou seu corpo com cirurgias plásticas em matéria de sua obra enquanto ato político. Conheça mais do seu trabalho através da entrevista disponibilizada [aqui](#).